

OCUPA ICH: uma análise sob a luz dos conceitos de liminaridade e “communitas” em Victor Turner

FABRICIO BARRETO¹; CLAUDIA TURRA²

¹ PPGAnt - UFPEL – fabriciobarreto@gmail.com

²PPGAnt - UFPEL – clauturra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Brasil vem sendo tomado por diversos movimentos sociais com as mais diversas pautas de reivindicação. Um golpe político-jurídico-midiático afasta a presidente eleita Dilma Rousseff de seu cargo, assumindo em seu lugar o vice-presidente Michel Temer, ferindo os preceitos básicos da jovem democracia brasileira. Vivemos um período de mudanças significativas em nossa sociedade, na busca de novos paradigmas de relacionamento com o mundo. Muito desses movimentos já não se enquadram mais nos parâmetros a que estamos acostumados. Já não são mais greves ou paralisações, não identificamos lideranças ou entidades de classe mobilizando a população. Isto nos causa estranheza e consequente necessidade de uma nova compreensão sobre o que está acontecendo. Na educação, não está sendo diferente. O movimento de ocupação das escolas pelos secundaristas em São Paulo, e posteriormente em Porto Alegre e outras cidades, evidenciou um chamado de transformação no ensino médio e fundamental. Em universidades de todo o país a ocupação de prédios passou a ser modo de manifestar por melhores condições no ensino.

Entre os dias 09 de junho e 05 de julho de 2016, o prédio do Campus de Ciências Humanas e Sociais (CCHS) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) esteve ocupado por estudantes de graduação. Este movimento que tinha como propósito inicial protestar contra os cortes das bolsas Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), tomou outras proporções que ampliaram as reivindicações. Foi um movimento que causou estranheza à comunidade acadêmica e sociedade em geral por não se caracterizar pelo que se entendia como manifestações de protesto e reivindicação. Não se tratava de greve ou paralisação, também não estava vinculada a uma categoria de classe, como sindicato ou diretórios e centros acadêmicos.

Busco em Victor Turner (2008) os meios para entender, a partir dos conceitos de liminaridade e communitas, algumas características que se estabeleceram durante o período do movimento. O aporte de Márcio Goldman (2007) vem nos alertar para a inadequação quanto ao uso normativo de categorias, quando os movimentos sociais já não se enquadram em aspectos característicos como os que estamos acostumados a vivenciar.

Enquanto estudante de Antropologia do Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGAnt) da UFPEL, o campo teórico em que transito situa-se nesta área do conhecimento.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo foi a da etnografia, com recurso as técnicas de observação participante (GEERTZ, 1978) de observação participante e de observação flutuante (PETONNET, 2008). Durante os 25 dias de ocupação, participei de reuniões e atividades diárias desenvolvidas no prédio do CCHS. Foram reuniões deliberativas sobre assuntos que demandavam e refletiam sobre vários aspectos do *modus operandi* da instituição desde os propósitos gerais da ocupação, até sua manutenção, como também atividades de caráter aberto a toda comunidade, tanto acadêmica quanto de estudantes das escolas da região e ainda da comunidade em geral. Por se tratar de uma iniciativa dos estudantes da graduação, considerei pertinente um relativo distanciamento necessário para melhor conduzir apontamentos e análise, o que me colocava na posição que denominei de *ocupante flutuante*. Desta imersão em campo, resultaram diversos diários, anotações e algumas fotografias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ocupação do prédio do CCHS da UFPEL teve uma proporção que gerou notícias em todo o país. Depois do prédio onde estão o Instituto de Ciências Humanas (ICH), o Instituto de Filosofia e Política (IFISP) e a Faculdade de Educação (FAE), outros prédios da UFPEL foram ocupados, como a Rádio Universitária, o Centro de Arte (CEARTE), o Centro de Integração do Mercosul e o Tablado (Núcleo de Artes Cênicas). No total foram 5 espaços da universidade que passaram por ocupação, demonstrando a pertinência das reivindicações e capacidade de mobilização dos alunos.

O processo todo foi de construção coletiva, horizontal e auto-gestionável. Não havia identificação de bandeiras ou entidades de classe. No período da ocupação o prédio nunca esteve fechado para acesso dos estudantes, professores e funcionários, embora pré-julgamentos afirmassem tal impedimento. Pelo contrário, todas as pessoas envolvidas com a universidade foram incentivadas a realizar atividades nas suas dependências. Docentes e discentes que aderiram ao movimento passaram a propor aulas abertas que foram realizadas no saguão de entrada do prédio e numa espécie de pátio interno, que posteriormente passou a ser chamado de *Espaço de Vivência*. Estas atividades proporcionaram discussões sobre assuntos da atualidade compartilhado entre participantes de diversas áreas do conhecimento e motivaram uma dinâmica transversal, diferente da que realizamos em sala de aula.

Durante o OcupaICH foi perceptível a incapacidade da maioria das pessoas em entender o que estava acontecendo. As informações sobre a manifestação circulavam entre aqueles que aderiram ao movimento. Era necessário frequentar o prédio para entender a pauta de reivindicações. A comunicação sobre a Ocupa estava no prédio e nas redes sociais, onde ficou conhecido como #OCUPAICH. Nas assembleias realizadas pelos institutos para tratar do assunto que se tornou evidente as diferenças de opiniões entre aqueles que se engajaram no movimento e aqueles que se mantiveram à distância.

Frente a estas questões, busco estabelecer uma reflexão e um debate com o propósito de alcançar algum entendimento sobre o que aconteceu entre os dias 09 de junho e 05 de julho de 2016 no movimento de ocupação da UFPEL. Turner (1974) apresenta através dos conceitos de liminaridade e communitas algumas noções de estrutura e antiestrutura, mostrando como o mecanismo deste

processo apresentado por ele tem condições de estabelecer ressignificações em nossos relacionamentos. É neste âmbito que pretendo fazer a análise da OcupaICH procurando ampliar essa discussão e partilhá-la com a para toda comunidade acadêmica.

4. CONCLUSÕES

A compreensão deste movimento pode proporcionar uma diferente visão sobre as manifestações sociais na atualidade. É urgente que entendamos nosso cotidiano sob novos olhares, pois será assim que estaremos ressignificando nossas relações com o mundo. A Antropologia está atenta a essas questões e vem identificando novas demandas sociais.

A OcupaICH esteve pautada por questões de âmbito nacional, tal como o Fora Temer, mas sobretudo por questões pertinentes ao ensino superior, a UFPEL e a relação ensino/aprendizagem no CCHS. As reivindicações decorrentes do movimento foram construídas durante os encontros, diálogos e debates abertos que aconteceram no período da ocupação. Em um ambiente outro, diferente do nosso cotidiano na academia, em debate constante entre professores, alunos e servidores, o movimento apresentou uma pauta de reivindicações que foi acatada em assembleia. Portanto é premente o debate, é urgente que estejamos abertos para novas formas de conduzir a educação. Não será o momento para refletirmos estes novos paradigmas no ensino superior?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro (2013). “Drama, Ritual e performance em Vitor Turner”. In: Sociologia&Antropologia, Rio de Janeiro, vol. 3, nº 6.

DAWSEY, JOHN C. Victor Turner e antropologia da experiência. **Cadernos de Campo**, n.13: 163-176, 2005.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

PETONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. Tradução de Soraya Silveira Simões. **Antropolítica**, Niterói, n. 25, p. 99-111, 2. sem. 2008.

GOLDMAN, Márcio. Introdução: políticas e subjetividades nos “Novos Movimentos Culturais”. **Ilha: Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 9, n. 1 e 2, p. 8-22, 2007.

TURNER, Victor. “Dramas sociais e metáforas rituais”. **Dramas, campos e metáforas**. Niterói: Editora UFF, 2008.

TURNER, Victor. “Liminaridade e ‘Communitas’”. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.